

A cidade nas mãos de gente de toda parte

Cinco minutos depois de convidado oficialmente para as funções de governador de Brasília, Elmo Farias tinha o seu primeiro auxiliar designado: o jornalista Jorge Mota e Silva, um dos seus mais antigos colaboradores pessoais, que há sete anos o assessorava em matéria de comunicação. Sua imagem de administrador eficiente havia sido administrada cuidadosamente por um carioca hábil, a cuja capacidade de trabalho e eficiência Elmo havia se acostumado, desde o seu tempo de superintendente de urbanismo da Cidade do Salvador.

Por isso, quando a escolha de Elmo ainda era segredo absoluto - só três dias após a posse de Geisel, sua nomeação foi anunciada - Jorge Mota já atuava pacientemente, organizando o gabinete do novo governador e, ainda hoje, 12 meses depois da posse, exerce com discreção e segurança o mesmo papel. Como chefe da Casa Civil do governador de Brasília, Jorge Mota permanece o velho amigo e o colaborador mais íntimo de Elmo. Quando o próprio governador realça o seu papel, o discreto Mota (o primeiro que chega e o último que sai do gabinete) limita-se a explicar: "Isso tudo que faço faz parte das minhas funções. Um chefe de Casa Civil é sempre o mesmo, se tem de fato a confiança e a amizade do governador que o escolheu".

Mas, ontem, véspera do 1º aniversário do Governo, Jorge Mota e Silva não compareceu ao café da manhã na Granja das Águas Claras, residência oficial do governador de Brasília. Todos os secretários estavam convidados e apenas Jorge Mota (que, como chefe da Casa Civil tem honras de secretário) não foi. A morte de um cunhado, no Rio, o obrigou a viajar às pressas.

Entretanto 12 auxiliares do primeiro escalão do governador Elmo Farias estavam presentes. Todos os titulares das Secretarias do Distrito Federal (Educação, Saúde, Administração, Serviços Públicos, Finanças, Viação, Governo, Segurança, Serviço Social, Agricultura) mais o procurador geral e o consultor jurídico.

Depois do café da manhã, o governador e os secretários formaram um único grupo nos jardins das Águas Claras, e - depois de atenderem aos fotógrafos para a clássica foto comemorativa - deram a primeira entrevista coletiva do Governo. Embora falassem apenas aos repórteres do *Jornal de Brasília*, o governador e os 12 homens do seu primeiro escalão fizeram um balanço coletivo do primeiro ano de trabalho.

Fazendo blagues, identificando as origens estaduais de cada um, apresentaram um animado "exame de Governo".

Primeiro foram citados os baianos, do secretariado, como Marival Tapioca (Serviços Sociais); José Afonso de Barros Menusier (Administração); Newton Muylaert (Saúde); Pedro Dantas (Agricultura); Ivan Guanais (Governo) e Sizínia Galvão (Viação e Obras).

Vladimir Murtinho (Educação) nasceu na capital do Panamá (Costa Rica) mas

naturalizou-se brasileiro e, na rodinha de ontem - era chamado apenas "cidadão do mundo".

Tupinambá Valente (que passou toda a reunião observando os problemas e soluções que os colegas levantavam para os repórteres em suas respectivas áreas como que avaliando quanto o BRB - do qual é presidente - teria que desembolsar para financiar tanta obra) é do Maranhão e conheceu Elmo Farias não em Aratu, como os baianos, mas numa repartição pública federal. O próprio governador é um "baiano visitante" já que nasceu mesmo foi no Maranhão.

De Minas Gerais veio José Geraldo Maciel que assumiu a Secretaria de Serviços Públicos há pouco tempo, depois que um capixaba não conseguiu aguentar as pressões das empresas de transporte coletivo ao tentar uma solução para o mais grave problema da cidade: ônibus.

O coronel Aimé Lamaison (Segurança Pública) veio de Passo Fundo - Rio Grande do Sul - para dar condições de trabalho tranquilo aos moradores de Brasília.

Ontem, ele revelava que cerca de 80 bancos de Brasília possuem um sistema de VHF diretamente ligado a uma sala próxima a seu gabinete, tornando simplesmente impossível qualquer tentativa de assalto. Responsável também pela segurança do Presidente da República (quando ele se encontra na Granja do Riacho Fundo) e pelas sedes das representações diplomáticas, Lamaison mantém nessas áreas não homens isolados, mas patrulhas mecanizadas, interligadas por rádio, prontas (como tem ocorrido) a prestarem qualquer serviço no caso de possível interrupção nas ligações telefônicas entre as embaixadas e o Plano Piloto. Em casos de doença, emergências... como já tem acontecido. Antes, em governos passados, havia apenas um guarda de plantão, que ficava do lado de fora das embaixadas, sujeitos a serem assaltados para roubo do uniforme e do armamento. Isto ocorreu umas três vezes.

Os outros secretários foram explicando suas realizações. Dantas referiu-se detalhadamente à sua frota de tratores e deixou claro que a SAB não vai, não deve e não pode ser vendida para quem quer que seja. Se isto acontecer, todo o comércio de gêneros alimentícios do Distrito Federal cairá nas mãos de monopólios, sem que o GDF tenha como influir nos preços, sobretudo em relação aos seus milhares de servidores.

Murtinho mostrou que o ensino elitista de outrora era bom, enquanto de elevada qualidade para poucos, mas ruim a partir do momento que, exatamente, se restringia a esses poucos privilegiados em desfavor de todos os outros. Agora - diz ele - o importante é democratizar. A criança da favela também tem que estudar.

Para resolver os problemas das professoras, ele necessita do trabalho conjugado de três colegas: espera segurança (de Lamaison) para as professoras que lecionam à noite em

locais afastados; espera iluminação (da CEB) nos locais onde falta luz; espera transporte (de José Geraldo Maciel) para as professoras que precisam ir de manhã para as cidades-satélites no momento em que todos estão vindo.

Na parte cultural, garante que, tão logo se resolva a situação do Teatro Nacional e do Cine Brasília, a cidade não se ressentirá, jamais, da falta de promoções à altura de suas necessidades como capital do país e sede do corpo diplomático.

Tapioca reconhece que o problema da imigração é sério e sabe ainda que apenas quatro dos 10 postos de triagem criados por ele estão funcionando a contento. O objetivo é conter a onda de imigrantes, tentando fixá-los em seu próprio local de origem, através do desenvolvimento de pólos industriais.

O que acontece é que as pessoas viajam para o Estado e, chegando lá, têm uma resposta toda especial quando lhes perguntam se vale a pena vir para Brasília: - claro que sim! lá você no mínimo ganha um lote para construir um barraco.

É por isso que ele quer acabar de uma vez com as invasões. Descobriu, há dias, que uma pessoa de Taguatinga, com uma renda mensal de 10 mil cruzeiros, estava ocupando um lote invadido em pleno Plano Piloto. Mandou um fiscal lá e fez o homem voltar para Taguatinga.

Quem não está aceitando pressão é o engenheiro Sizínia Galvão, o responsável pela concessão de alvarás para as edificações que se erguem em Brasília. Na sua secretaria (Viação e

Obras) havia coisas incríveis quando ele entrou. Por exemplo: a aprovação de uma construção dependia apenas da assinatura de um ou dois funcionários. Dai que os planos de Niemeyer iam todos de água abaixo porque era muito fácil conseguir aprovação para qualquer aberração. Agora a coisa é mais difícil e ninguém constrói um edifício, por exemplo, sem construir garagem no subsolo proporcional à dimensão do prédio. No Setor de Rádio e TV, onde, pelo Plano Original, o gabarito era de 12 metros, no máximo, havia projetos aprovados para construções de até 63 metros.

Sem dramatizar, mas, usando energia para impedir crimes e violências contra as "diretrizes de Lúcio Costa", a Secretaria de Viação e Obras tem usado as suas armas. Para um especulador, que se recusou a construir em determinado lote existente no Plano Piloto e foi simplesmente acenado com o "pacto de retrovenda", instrumento pelo qual a Terracap torna de volta os lotes não construídos depois de determinado prazo de ocupação.

A frota de 800 carros que serve ao Governo do Distrito Federal é uma das preocupações de José Afonso de Barros Menusier, além do treinamento de servidores. Ele é da administração. A maioria dos carros é Volks e há um interesse permanente fiscalizado pelo governador: andar devagar e economizar gasolina. Com o tempo a frota será padronizada adquirindo-se carros de uma só marca a exemplo de algumas repartições públicas federais.

Tentar tudo para resolver o problema do transporte coletivo, sempre foi a missão de José

Geraldo Maciel na Secretaria de Serviços Públicos. Com os micro-ônibus ele está tentando isto a partir das experiências frustradas do seu antecessor. Nas mãos dele, realmente, está a mais difícil tarefa da administração porque nenhum brasiliense (inclusive os que têm carro e que não podem deixá-lo na quadra devido à falta de outro meio de transporte que o substitua) desconhece as dificuldades de locomoção nesta cidade onde é preciso tomar no mínimo dois ônibus para ir de um lugar a outro, normalmente. Em 1975 espera-se muito da imaginação e da capacidade do mais novo secretário de Elmo Farias.

O procurador-geral, Pedro Mattoso, com 10 anos de Brasília, tem os mais longos despachos semanais do governador:

— Com os assuntos que o dr. Mattoso me traz, tenho trabalho para dois expedientes, toda semana.

Mattoso, no entanto, é um humorado glosador dos episódios do Governo e um exaltado divulgador dos êxitos dos companheiros. Foi por uma sugestão sua que se revelou que uma nova empresa de supermercados - a Trevo - de capitais franceses conseguiu ganhar a concorrência para aquisição do terreno destinado ao primeiro hiper-mercado de Brasília, que se localizará próximo ao estádio Pelezão. A firma do Trevo ficou com o lote por Cr\$ 14 milhões, e a segunda proposta oferecia apenas Cr\$ 5 milhões.

— Imagine o prejuízo que teria o Governo se não tivesse feito a concorrência, concluiu o governador.

Com Jorge Mota, o primeiro escolhido



O governador com o chefe da Casa Civil: a rotina de todos os dias.